

# ECOTURISMO E PERCEPÇÃO DE IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS SOB A ÓTICA DOS TURISTAS NO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA – PETAR

## ECOTOURISM AND THE PERCEPTION OF SOCIO-ENVIRONMENTAL IMPACTS FROM THE POINT OF VIEW OF TOURISTS IN THE STATE TOURISTIC PARK OF THE UPPER RIBEIRA RIVER – PETAR

Heros Augusto Santos Lobo<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Geociências e Meio Ambiente – IGCE/UNESP, Rio Claro, SP.

[heroslobo@hotmail.com](mailto:heroslobo@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho apresenta os principais resultados de uma pesquisa feita no PETAR, no núcleo Santana de visitação, e no Bairro da Serra, comunidade referência para o Parque localizada em Iporanga, SP. O objetivo do estudo foi detectar as percepções dos turistas quanto aos impactos socioambientais gerados pelo turismo nos atrativos do Parque e na comunidade receptora. Para tanto, foram feitas pesquisas bibliográficas e entrevistas em campo com 63 turistas, tendo por base um formulário com cinco questões abertas. Os resultados foram agrupados e analisados em função de duas variáveis selecionadas: idade e grau de escolaridade. A maioria dos entrevistados possui nível superior completo, em uma faixa etária entre 15 e 34 anos. Na visão dos turistas, os impactos gerados nos atrativos do parque é predominantemente negativo, e na comunidade, positivo. Das conclusões obtidas, ressalta-se a hipótese de que a capacidade de carga física e psicológica, aliada ao respeito à comunidade local e à compreensão das necessidades dos visitantes e visitados são fatores fundamentais para a sustentabilidade do ecoturismo no PETAR e para a ampliação dos benefícios diretos para a comunidade do Bairro da Serra.

**Palavras-Chave:** Ecoturismo; Impactos Ambientais; Percepção Ambiental; Turismo em Cavernas.

### Abstract

*This paper presents the main results of a research project conducted in the Santana Nucleus of State Touristic Park of the Upper Ribeira River, in the community of the Bairro da Serra, located in Iporanga, SP. The objective was the detection of the beliefs of tourists about the socio-environmental impacts on the sites in the park and the receiving community generated by tourism. Bibliographical studies and field interviews with 63 tourists based on a form with five open questions were used. The results and final analysis considered the age and education of the tourists. Most of them had a university education, and ranged in age from 15 to 34. For these tourists, the impacts of tourism would be negative for the park, but positive for the community. The conclusions include the hypothesis that the physical and psychological carrying capacity, as well as respect for the local community and an understanding of the needs of the visitors and hosts are fundamental for the sustainability of ecotourism in PETAR and an increase in direct benefits for the community of the Bairro da Serra.*

**Key-Words:** *Speleotourism; Tourism in Caves; Environmental Impacts; Environmental Awareness.*

### Introdução

Os recursos naturais estão entre as mais tradicionais ofertas de atratividade turística em todo o mundo. A natureza, revalorizada pelo romantismo, tornou-se um produto cobiçado para as possibilidades de fuga do cotidiano agitado dos grandes centros urbanos. Concomitante a este processo, as áreas naturais protegidas vêm se destacando como uma importante ferramenta estratégica de conciliação de interesses diversos, que vão da conservação de fragmentos representativos

dos recursos naturais – na maioria das vezes sua principal função – ao uso antrópico classificado como sustentável, onde se insere o ecoturismo. No Brasil, tais áreas são representadas pelas inúmeras Unidades de Conservação – UC – da natureza, que possuem suas diretrizes de uso regidas pela *Lei n. 9985 de 18 de julho de 2000*, o sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. A criação do SNUC apenas legitimou de forma integral as áreas naturais protegidas em âmbito nacional, já que a criação de muitas delas ocorreu em data anterior à sua promulgação.

Dentre estas UCs, destaca-se no presente estudo o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – PETAR –, área natural protegida de domínio público estadual, criada em 1958. Com 35.712 hectares, o PETAR protege parcelas representativas da Floresta Atlântica, além de uma infinidade de formas cársticas, com especial destaque para as mais de trezentas cavernas já registradas. Localiza-se no Vale do Ribeira, Estado de São Paulo, possuindo quatro núcleos de visitação turística: Santana, Ouro Grosso e Casa de Pedra em Iporanga; Caboclos em Apiaí (Figura 1).

Na atualidade, o ecoturismo está entre as mais relevantes fontes de geração de emprego e renda para as comunidades no entorno do Parque, em especial para o Bairro da Serra, município de Iporanga. Todavia, a falta de um plano de manejo nas cavernas – seu principal atrativo – ainda prejudica a realização da atividade<sup>2</sup>, pela ausência de uma diretriz legal que dê amparo às ações de uso sustentável do patrimônio natural da UC. Em função disso, o risco de ampliação dos impactos ambientais negativos da atividade se amplia – um ônus inconveniente sob a ótica conservacionista, mas que vem agregado aos benefícios gerados pelo turismo para a população local.

Por estas e outras questões, o PETAR tem sido constante alvo de estudos que abordam, sob

diferentes ângulos, o ecoturismo em sua relação com o ambiente e com a sociedade. Em tempos mais recentes, destacam-se os estudos de Scaleante (2003), que identificou os impactos ambientais gerados pelo ecoturismo na Caverna de Santana. Sua pesquisa concluiu que os reatores de carbureto eram danosos ao ambiente, por causarem alterações na temperatura e nas taxas de gás carbônico em diversos trechos da caverna. A mesma caverna foi alvo de outros estudos posteriores, buscando identificar a sua capacidade de carga turística (Lobo, 2005) de forma a diminuir os impactos ambientais da visitação e assegurar uma experiência mais significativa aos turistas por meio da diminuição dos encontros entre grupos em seu interior. Recentemente, outro estudo significativo foi realizado na Caverna de Santana, sob os níveis de concentração de Radônio<sup>222</sup> – um gás radioativo cancerígeno – em seu ambiente (Alberigui & Pecequilo, 2007). As autoras concluíram que os níveis de concentração identificados estão abaixo dos limites mundialmente aceitáveis, não apresentando riscos para os turistas e monitores ambientais. Além disso, Castro (2004) traz uma importante contribuição ao manejo da Unidade de Conservação, ao estabelecer limites de capacidade de carga para a trilha da Casa de Pedra e apresentar parâmetros e diretrizes para um estudo semelhante para a trilha do Rio Betari.

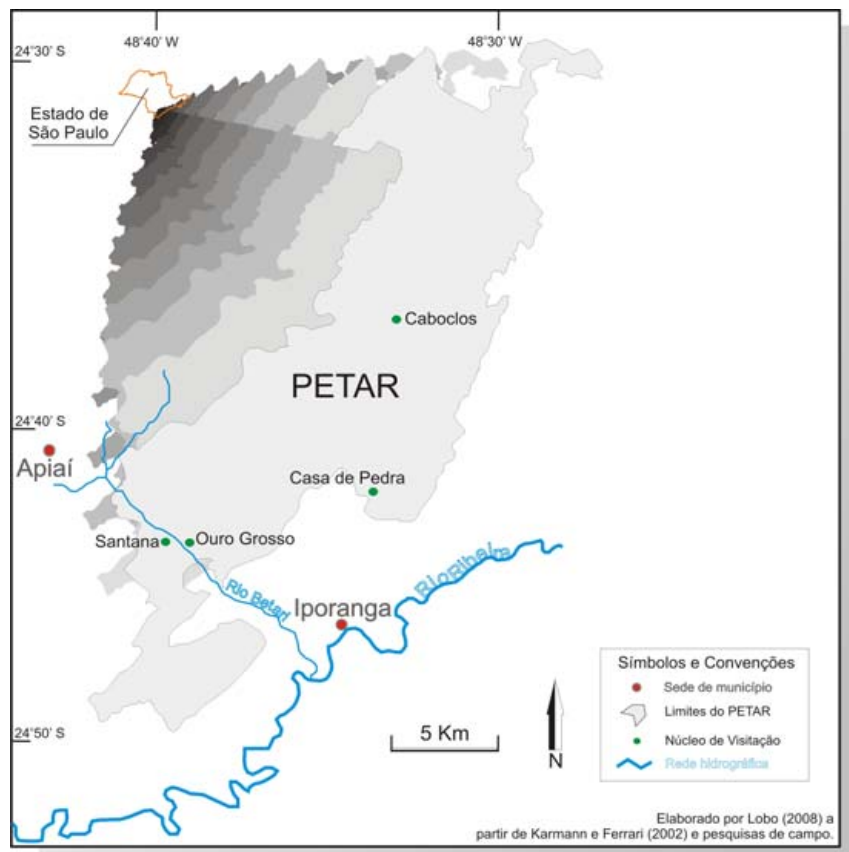


Figura 1 – Limites do PETAR e seus respectivos núcleos de visitação.

Quanto às questões socioculturais e políticas, destacam-se três trabalhos no presente estudo. O primeiro deles, realizado por Figueiredo (2000), identificou a trajetória das políticas públicas de preservação e desenvolvimento implantadas em Iporanga/SP. O autor verificou que uma visão negativa foi atribuída à proteção ambiental pela comunidade local, por fatores como a descontinuidade política e pelas restrições às atividades tradicionais de subsistência. Por sua vez, Piva (2003) analisou a percepção de diversos grupos de atores sociais quanto aos impactos no Parque. O autor ressaltou aspectos positivos, como a beleza cênica e a organização do turismo, e alertou para aspectos importantes, como a visitação irregular que ocorre em cavernas fechadas ao uso público, o aumento dos riscos à exposição da comunidade local às doenças sexualmente transmissíveis e às drogas e os conflitos entre espeleólogos<sup>3</sup> e monitores ambientais locais. Estes últimos também foram abordados no trabalho de Neiman (2007), que resalta o seu papel em fazer os turistas perceberem melhor o ambiente visitado, e não simplesmente conduzi-los a contemplá-lo. O autor defende que esta atitude pode modificar o comportamento dos turistas, canalizando a sua postura pós-visitação para a construção de atitudes a favor da conservação ambiental.

Considerando os diversos estudos já realizados anteriormente citados, apresenta-se neste trabalho uma breve e sintética revisão sobre a percepção dos turistas quanto a alguns dos impactos causados pelo ecoturismo nas cavernas e trilhas do PETAR, bem como na comunidade do Bairro da Serra. A pesquisa exploratória se iniciou em 2003, incluindo levantamentos bibliográficos sobre os temas envolvidos, como foco maior na percepção de impactos e no ecoturismo em Unidades de Conservação, bem como entrevistas com turistas que visitavam o Parque, estruturadas por um roteiro composto por cinco questões abertas. Os dados obtidos foram revistos e a discussão foi atualizada em 2007. O objetivo central do trabalho foi compreender as percepções relativas de impactos ambientais negativos e positivos que os turistas subtraem de sua experiência de visitação, tanto no PETAR quanto no Bairro da Serra.

### **Métodos e etapas da pesquisa**

As pesquisas de campo foram realizadas por meio de um *survey*. Este foi selecionado pelas suas características e objetividade, com o propósito de se produzir estatísticas sobre alguns aspectos da população estudada com informações coletadas por entrevista direta, usando para tal uma amostra da

população. Para tanto, desenvolveu-se um roteiro de entrevistas com questões semi-estruturadas, onde as perguntas eram padronizadas, de modo a deixar as respostas a critério do entrevistado, ou seja, com seu próprio discurso (Alencar & Gomes, 2001). Considerando que as questões não foram formuladas para testar nenhuma hipótese, mas sim, oferecer um panorama inicial do tema abordado, a pesquisa pode ser classificada como exploratória (Gil, 1997).

Não houve uma preocupação com a representatividade estatística da amostra, por se tratar de uma pesquisa utilizada para a elucidação inicial de uma questão e para a formulação de hipóteses para a continuidade do tema, bem como em função da abordagem eminentemente qualitativa adotada. Os indivíduos entrevistados eram escolhidos ao acaso no Bairro da Serra e no núcleo Santana do parque, ficando os questionários disponíveis para todos os interessados em respondê-lo. Tais localidades foram selecionadas por serem, respectivamente, a comunidade-alvo do estudo e o Núcleo com visitação mais expressiva na UC.

A pesquisa foi realizada em Outubro de 2003, quando então foram disponibilizados oitenta questionários, dos quais 63 foram preenchidos. Destes, cinco foram desprezados por não oferecerem dados suficientes e/ou legíveis.

Terminada a fase de coleta de dados, as respostas de cada pergunta foram agrupadas por aproximação dos termos utilizados, visto que as questões eram abertas, criando-se assim as diversas alternativas que possibilitam o tratamento estatístico. Dado o fato de as respostas serem livres, para cada questão permitiu-se identificar mais de uma alternativa, devido à abrangência de algumas colocações.

Os resultados foram analisados de duas formas. Uma primeira análise quantitativa foi feita sobre cada questão, identificando as opiniões predominantes na amostra considerada. Posteriormente, os dados foram cruzados entre si, identificando agrupamentos entre as opiniões e seus principais estratos de análise em função de uma variável pré-selecionada. O conjunto de resultados obtidos foi confrontado com trabalhos anteriores realizados na região e/ou sobre os temas abordados, gerando discussões sobre o ecoturismo, seus impactos ambientais e suas implicações à população local envolvida.

### **Resultados**

Considerando o foco conferido ao presente artigo, serão apresentados os resultados de três das

cinco questões formuladas, além das variáveis de controle dos estratos da pesquisa: idade e grau de escolaridade.

A primeira das questões foi utilizada como um balizador sobre o pensamento dos turistas quanto à atividade que praticavam no PETAR em sua visita. Assim, lhes foi questionado qual o seu entendimento sobre ecoturismo (Figura 2).

O ecoturismo é associado por 56% dos entrevistados com a natureza, com carregado ideário de preservação, considerando as alternativas construídas. A importância da comunidade receptora aparece em segundo lugar na pauta das importâncias relativas dos turistas, sendo apontada por 25% dos entrevistados, dentre os quais 17% foram

demasiadamente enfáticos quanto as possibilidades de geração de emprego e renda advindos do turismo.

A questão seguinte versou diretamente sobre a percepção dos impactos ambientais gerados pelo ecoturismo nos limites do PETAR (Figura 3).

A maioria dos entrevistados, 68,5%, afirmou que o ecoturismo causa impactos ambientais no PETAR. As opiniões se mostraram curiosamente carregadas de juízo de valor, já que dentre aqueles que assinalaram pela existência de impactos, ninguém fez menção ao impacto positivo ao parque. Os 34,2% restantes, que afirmaram que o turismo não causa impactos ambientais no PETAR foram indistintamente condicionais em suas afirmações, o que pode ser percebido na figura 3 pelas objeções para a inexistência de impactos.

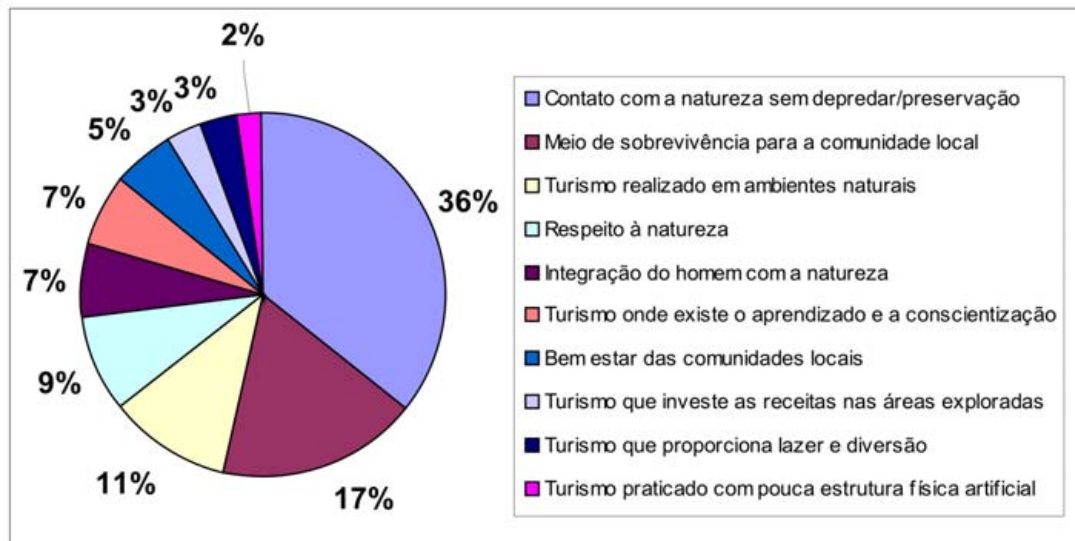


Figura 2 – Percepções dos turistas sobre o ecoturismo (Elaborado pelo autor)

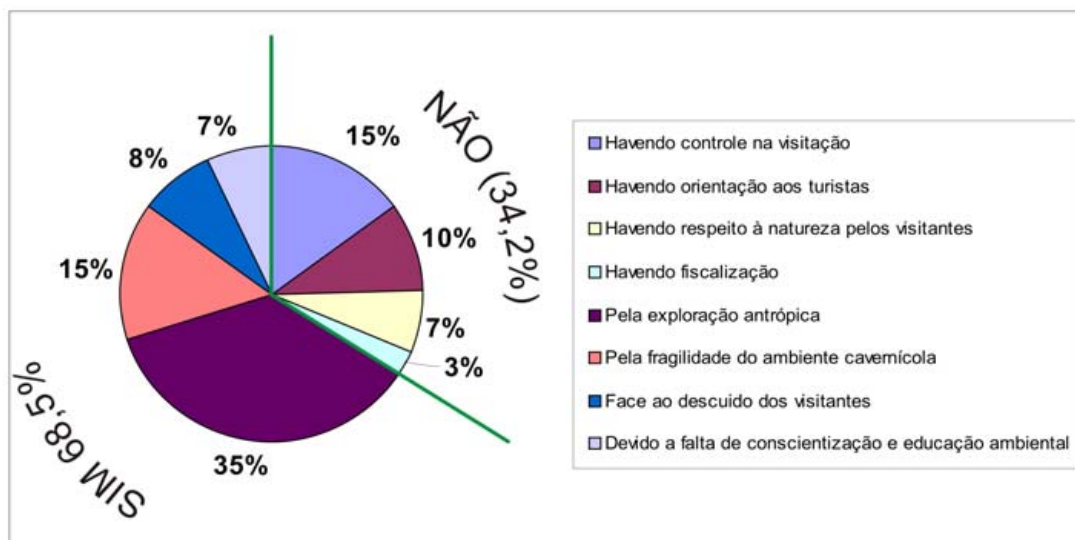


Figura 3 – Resposta à questão sobre o ecoturismo causar impactos ambientais no PETAR e suas principais causas e fatores condicionantes (Elaborado pelo autor).



A questão seguinte abordou os impactos ambientais do ecoturismo no Bairro da Serra (Tabela 1). A maioria dos entrevistados, 78%, percebe que o turismo gera benefícios para a comunidade local, destacando a geração de emprego e renda (41%), a conscientização ambiental de todos os envolvidos diretamente no turismo (12%) e a exposição a novos hábitos culturais (12%). Embora não tenha sido

mencionado pelos turistas desta forma, este último motivo também é um dos responsáveis pela geração de um dos impactos ambientais negativos mencionados: o consumismo e a banalização dos valores tradicionais em detrimento de um novo modo de vida, fator este percebido por iguais 12% dos entrevistados.

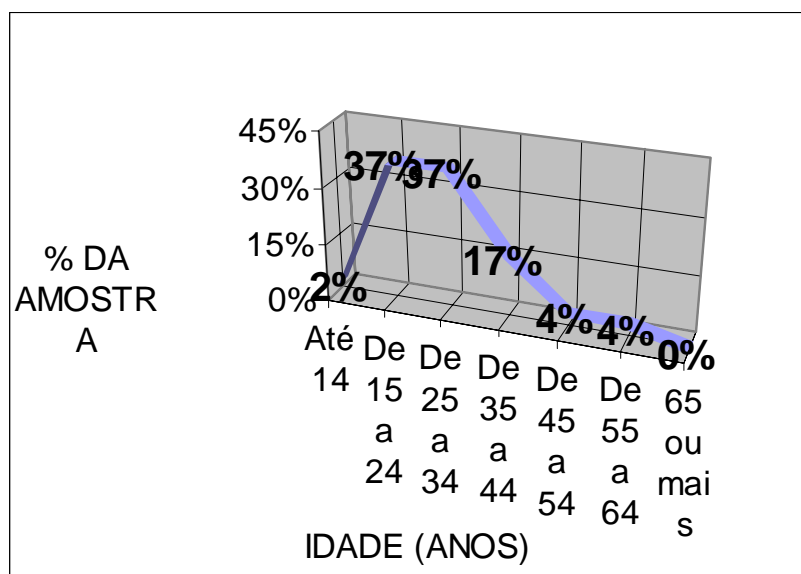
**Tabela 1** – Motivos que levam o ecoturismo a causar impactos positivos ou negativos na comunidade do Bairro da Serra

<b>OPÇÕES</b>	<b>%</b>
<b>NEGATIVO</b>	<b>22%</b>
Gera consumismo, deturpação moral e choque cultural na comunidade	12%
O turismo degrada e polui	9%
Gera individualismo nos monitores ambientais	1%
<b>POSITIVO</b>	<b>78%</b>
O turismo sustenta a comunidade/gera empregos	41%
Fomenta a conscientização ambiental dos visitantes e visitados	12%
Turistas trazem culturas novas aos locais	12%
Fomenta a preocupação com o bem-estar da comunidade	7%
Por trazer capacitação à população local	5%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

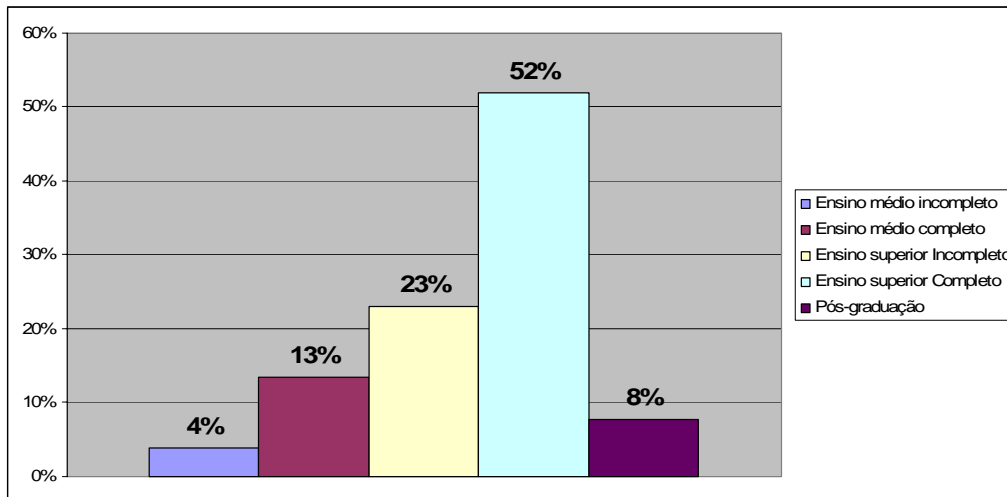
Fonte: Elaborado pelo autor.

Duas questões finais foram realizadas para auxiliar na compreensão da origem dos discursos coletados nas entrevistas: a faixa etária e o grau de

escolaridade. Os resultados são representados, respectivamente, nas figuras 4 e 5.



**Figura 4** – Faixa etária dos entrevistados (Elaborado pelo autor)



**Figura 5** – Grau de escolaridade dos entrevistados (Elaborado pelo autor).

Sobre o perfil dos entrevistados, a maioria situa-se na faixa etária entre 15 e 34 anos (74%), com ensino superior completo ou em conclusão (75%). Quatro entrevistados não mencionaram a idade, e seis, a escolaridade.

### Discussão e conclusões

O PETAR, uma importante Unidade de Conservação, seja pela sua característica ímpar de acumular numa pequena área um grande número de cavernas, seja pela diversidade e importância ecológica dos ecossistemas que protege, ainda sofre com o descaso e os abusos da visitação turística e com o mau uso dos recursos naturais. Nesse sentido, a opinião dos turistas deve ser utilizada apenas como um balizador do processo de manejo e gestão do turismo no Parque e na região, já que sua percepção varia em função de suas convicções e de sua formação pessoal.

Os dados apresentados demonstram a perspectiva altamente relativa dos turistas, que acreditam que o turismo gera mais impactos negativos no ambiente (68,5%) do que na população local (22%). De fato, os impactos ambientais negativos no ambiente são demasiadamente amplos, se estendendo sobre diversas dimensões do meio biótico e abiótico. Beni (2002) pontua as alterações que podem ocorrer nos hábitos alimentares e reprodutivos de espécies animais. Soldatelli (2005) acrescenta a compactação do solo, a exposição das raízes das plantas ou até mesmo sua quebra proposital e a poluição: visual, das águas e do ar. Nas cavernas, Scaleante (2003) traz provas conclusivas sobre os impactos negativos do uso de reatores de carbureto. Lobo (2006) acrescenta que estes impactos se agravam em função do comportamento e dos objetivos de visitação dos

turistas, que podem estar buscando experiências mais contemplativas, espirituais ou participativas.

Apesar de mencionarem a fragilidade do meio cavernícola, nenhum dos turistas entrevistados abordou de forma direta aos limites de visitação dentro das cavernas. É válido ressaltar que as pesquisas foram realizadas em finais de semana e feriados prolongados, quando o volume de visitação no parque aumenta. Os estudos de Lobo (2005) mencionam a necessidade do controle da capacidade de carga das cavernas, utilizando a Caverna de Santana como exemplo. Mas parece que este aspecto não incomodou tanto os turistas, de forma que em seus discursos não foi comentado o excesso de pessoas simultaneamente dentro das cavernas. Isto sugere a necessidade de novas pesquisas nesse sentido, de forma a identificar em âmbito mais profundo até que ponto o volume de visitantes interfere na experiência turística e no aproveitamento do roteiro. Lück (2002) afirma que o grande volume de visitantes pode não ser necessariamente um problema para o ecoturismo, desde que hajam regras adequadas de conduta – apesar de lembrar que a maioria dos estudos atuais aponta o ecoturismo como sendo uma atividade inerentemente de baixa escala. Estas questões se tornam ainda mais instigantes ao se acrescentar à discussão o trabalho de McCool & Lime (2001). Os autores criticam de forma árdua a capacidade de carga, reduzindo-a a um simples “número mágico”.

Todavia, os métodos mais atuais de manejo por meio da capacidade de carga colocam-na apenas como um dos procedimentos para estabelecer limites físicos de visitação, sem, no entanto, dispensar os limites comportamentais (Arias et al., 1999). Bonilla & Bonilla (2007) comprovam a necessidade da inserção da capacidade de carga psicológica – o limite de tolerância dos turistas quanto aos níveis de

uso de um determinado roteiro ou destino – no planejamento turístico. Além disso, na falta de alternativas mais completas, sempre é preciso lembrar da incompatibilidade entre a visitação massificada e descontrolada com o espaço confinado das cavernas, sua fragilidade intrínseca e o ideário de conservação ambiental por meio do ecoturismo.

No âmbito socioeconômico e cultural, a pesquisa de campo revelou a falta de preocupação com as condições de vida dos moradores locais – apenas 3% das menções sobre melhorias estruturais na região contemplaram as necessidades da comunidade. A maioria dos entrevistados mencionou a geração de empregos e renda, que atingiu o índice de 41% das colocações relativas aos impactos positivos na comunidade. Embora se trate de um dado perceptivo, ele reflete a ilusão que paira em diversas instâncias dos atores envolvidos com o turismo sobre os seus benefícios, da esfera governamental à iniciativa privada, passando por algumas organizações não-governamentais. Tornando a questão ainda mais relativa, a situação da Comunidade da Serra não é tão ruim – sob o ponto de vista em questão – se comparada àquelas dominadas pelos chamados “enclaves turísticos”, que muitas vezes isolam a comunidade local dos turistas e, com isso, diminuem as suas oportunidades de obter benefícios diretos com a atividade (Goodwin, 2002). Mas também não é tão positiva, dada a alta sazonalidade do mercado turístico, que no inverno tem o fluxo diminuído drasticamente na região do PETAR. Com isso, novos questionamentos cabem sobre este tema: Quais os reais benefícios gerados para a comunidade pelo ecoturismo no Bairro da Serra? Qual a parcela da comunidade que recebe estes benefícios? Como as pessoas estão sendo preparadas para se adaptarem e planejar suas vidas em função da sazonalidade turística?

Além disso, a questão das trocas culturais é extremamente ambígua, tendo sido citada como positiva e negativa pela mesma proporção dos entrevistados: 12% cada. Por um lado, surgem oportunidades de contatos com novos modos de vida e comportamento, socializando com os moradores de áreas mais remotas os hábitos de consumo das grandes cidades. Por outro, parte destes costumes se traduz em mazelas sociais, como o aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas, da prostituição e do consumismo desenfreado. Estes fatores também foram detectados por pesquisas anteriores, sejam estas no PETAR (Piva, 2003), ou fora dele (e.g. Faulkner & Tideswell, 1997, em um estudo similar feito na Austrália). As alterações que ocorrem na comunidade receptora podem ser tão drásticas a ponto de se desenvolver um novo modo de vida,

híbrido da cultura considerada como tradicional com a cultura cosmopolita (Grünwald, 2003), da mesma forma que Banducci Júnior (2001) observou em alguns pontos do Pantanal Sul-Mato-Grossense.

A percepção também se torna relativa em função da faixa etária ou da escolaridade dos entrevistados. Pouco menos da metade do total de entrevistados possuem entre 15 e 34 anos (42,3%) e pouco mais de um quarto (27,1%) possui ensino superior completo sem ter ingressado ainda na pós-graduação. Se ambas as faixas predominantes forem cruzadas – pessoas com idade entre 15 a 34 anos e que possuem ensino superior completo – o tamanho da amostra correspondente cai para 15,3% do total. Considerando ainda que o extrato “faixa etária” se divide em dois – de 15 a 24 anos e de 25 a 34 anos, percebe-se que a variável mais importante que influi na percepção dos impactos ambientais negativos no PETAR é a escolaridade, sendo os turistas que possuem o ensino superior completo sem pós-graduação os detentores do nível mais amplo de percepção mensurado.

No caso dos impactos na comunidade receptora, a situação não se difere muito do que foi observado nos impactos ao PETAR, quanto aos estratos de idade e escolaridade. Predominam as mesmas faixas etárias – 15 aos 34 anos, com 32,8% da amostra – e níveis de escolaridade – ensino superior completo, com 25,9%. A amostra de variáveis idade e escolaridade cruzadas demonstra que, diferente do caso anterior, o estrato de maior relevância para a percepção dos impactos sociais é a faixa etária, com predomínio dos entrevistados que possuem entre 25 e 34 anos.

Estes dados acima refletem a diferença de percepções entre um mesmo grupo, seja dominado pela alta escolaridade no caso dos impactos no meio, seja dominado pela faixa etária no caso dos impactos sociais. O fato de que as mesmas faixas etárias e graus de escolaridade tenham aparecido em comparações relativas de impactos positivos e negativos conforme o meio analisado sugere uma preferência manifestada, ainda que inconsciente, de compactuar com as questões mais dogmáticas do turismo: a contraposição entre a atividade que gera emprego e renda – o que é visto como positivo e fomentado na maioria das políticas públicas para o setor – com o ideário fragmentado de natureza intocada (Diegues, 1992), onde o ser humano é isolado dos demais seres vivos e considerado naturalmente danoso ao ambiente.

Outro aspecto que consolida essa visão fragmentada e sectária de conservação da natureza aparece por meio das definições de ecoturismo dadas pelos entrevistados. Captando a essência dos

discursos coletados por meio dos termos empregados pelos entrevistados, pode-se dizer que o entendimento geral sobre o assunto está ligado à preservação da natureza – o que por si só é contraditório, já que o termo preservação determina a impossibilidade do uso público pelo ecoturismo (Brasil, 2000). Trata-se também de um meio de sobrevivência para as comunidades receptoras, visando seu bem estar através do investimento de parte das receitas geradas na própria localidade, buscando a manutenção e a sustentabilidade do sistema receptivo. Para eles, o ecoturismo promove também o aprendizado, a conscientização e a diversão dos envolvidos, através da integração do homem com a natureza.

Conclui-se também que os processos de conscientização ambiental desenvolvidos no PETAR ainda não são totalmente eficientes, a ponto de esclarecer à população todos os aspectos negativos e positivos causados pela visita turística. A maior lacuna foi observada no tocante aos impactos socioeconômicos e culturais, área onde ainda existe uma carência de ações que esclareçam sobre as limitações dos benefícios que o turismo pode trazer e que eduquem os turistas quanto aos costumes e tradições locais. Pela vertente ambiental, o contato com uma área natural protegida também é subutilizado. A experiência vivenciada poderia ser aproveitada para quebrar as barreiras psicológicas e sociais existentes entre os objetivos de conservação,

o uso sustentável e o ideário dominante de preservação. Todavia, ao que se pode perceber, ainda dominam as experiências superficiais de contemplação e consumo visual da natureza, como já destacada por Moretti (2001), ou de interação dominante – muito forte sob o ideário de turismo de aventura (Spink et al., 2005). A grande oportunidade de transformação pessoal por meio do contato com a natureza, já lembrada e substancialmente ressaltada pelo estudo de Neiman (2007), continua sendo desperdiçada. Isto permite concluir que, por mais que futuros limites numéricos de visita do PETAR sejam estipulados e, porventura, respeitados, a capacidade de carga do ambiente continuará sendo, de certa forma, desrespeitada. Ainda assim, percebe-se que as pessoas acreditam que é possível não sujeitar totalmente o ecoturismo ao modo de produção consumista, apesar dos diversos problemas identificados.

Por fim, o presente estudo se encerra com a formulação de uma hipótese, para contribuir com futuras pesquisas: a perpetuação do ecoturismo no PETAR e a ampliação dos benefícios para o Bairro da Serra dependem, basicamente, da implantação dos limites de capacidade de carga física do ambiente e psicológica dos envolvidos no turismo, do respeito à cultura local e da compreensão das necessidades dos residentes e visitantes – necessariamente nesta ordem.

### Referências Bibliográficas

- Alberigui, S. & Pecequillo, B.R.S. 2007. Caves of Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), SP, Brazil: a study of indoor radon levels and impact of seasonal temperature and humidity. In: International Nuclear Atlantic Conference, Santos, Brazil. *Proceedings*. 1-6.
- Alencar, E. & Gomes, M.A.O. 2001. *Ecoturismo e planejamento social*. UFLA, Lavras.
- Arias, M.C., Mesquita, C.A.B., Méndez, J., Morales, M.E., Aguilar, N., Cancino, D., Gallo, M., Ramirez, C., Ribeiro, N., Sandoval, E. & Turcios, M. 1999. *Capacidad de carga turística de las áreas de uso público del Monumento Nacional Guayabo, Costa Rica*. CATIE/WWF, Turrialba.
- Banducci Júnior, Á. 2001. Turismo da pesca e suas contradições no Pantanal Mato-Grossense. In: Banducci Júnior, Á. & Moretti, E.C. (orgs.). *Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. Chronos/UFMS, São Paulo.
- Beni, M.C. 2002. *Análise estrutural do turismo*. SENAC, São Paulo.
- Bonilla, J.M.L. & Bonilla, L.M.L. 2007. La capacidad de carga psicológica del turista como indicador del turismo sostenible. *Boletín económico ICE*, 2911: 25-35.
- Brasil. 2000. *Lei n. 9985 de 18 de julho de 2000. Sistema nacional de unidades de conservação*. Disponível em <http://www.presidencia.gov.br>. Acessado em 04 dez. 2005.
- Castro, C.E. 2004. *O caminho entre a percepção, os impactos no solo e as metodologias de manejo: o estudo de trilhas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – SP*. Londrina, UEL, 2004. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina.



- Diegues, A.C.S. 2000. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, São Paulo.
- Faulkner, B. & Tideswell, C. 1997. A framework for monitoring community impacts of tourism. *Journal of sustainable tourism*, 5 (1): 3-28.
- Figueiredo, L.A.V. 2000. "O "meio ambiente" prejudicou a gente...": políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira. (Iporanga-SP). Campinas, Unicamp, 2000. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Gil, A.C. 1997. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas, São Paulo.
- Goodwin, H. 2002. Local community involvement in tourism around National Parks: opportunities and constrains. *Current issues in tourism*, 5 (3,4): 338-360.
- Grünewald, R.A. 2003. Turismo e etnicidade. *Horizontes antropológicos*, 9 (20): 141-159.
- Karmann, I. & Ferrari, J.A. 2002. Carste e cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), SP. In: Winge, M. (ed.) *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*. DNPM, Brasília.
- Lobo, H.A.S. 2004. *A percepção dos impactos ambientais do ecoturismo no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira e nas comunidades de entorno*. Lavras, UFLA, 2004. Monografia de Especialização, Universidade Federal de Lavras.
- Lobo, H.A.S. 2005. Considerações preliminares para a reestruturação turística da Caverna de Santana – PETAR, Iporanga, SP. In: Congresso Brasileiro de Espeleologia, 28, Campinas. *Anais*. 77-87.
- Lobo, H.A.S. 2006. Caracterização dos impactos ambientais negativos do espeleoturismo e suas possibilidades de manejo. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 4, Caxias do Sul. *Anais*. 01-15.
- Lück, M. 2002. Large-scale ecotourism – a contradiction on itself? *Current issues in tourism*, 5 (3,4): 361-370.
- McCool, S.F. & Lime, D.W. 2001. Tourism carrying capacity: tempting fantasy or useful reality? *Journal of sustainable tourism*, 9 (5): 372-388.
- Moretti, E.C. 2001. Atividade turística: produção e consumo do lugar Pantanal. In: Banducci Júnior, Á. & Moretti, E.C. (orgs.). *Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. Chronos/UFMS, São Paulo.
- Neiman, Z. 2007. *A educação ambiental através do contato dirigido com a natureza*. São Paulo, USP, 2007. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Piva, E.B. 2003. *Avaliação e tipificação dos impactos do uso público nos núcleos Santana e Ouro Grosso – Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira PETAR (Apiáí – SP)*. São Carlos, UFSCAR, 2003. Monografia de Graduação, Universidade Federal de São Carlos.
- Rasteiro, M.A. 2007. A problemática da classificação de visitantes de cavernas em Unidades de Conservação. In: Congresso Brasileiro de Espeleologia, 29, Ouro Preto. *Anais*. 239-250.
- Scaleante, J.A.B. 2003. *Avaliação do impacto de atividades turísticas em cavernas*. Campinas, UNICAMP, 2003. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.
- Spink, M.J.P., Aragaki, S.S. & Alves, M.P. 2005. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18 (1): 26-38.
- Soldateli, M. 2005. Impactos ambientais negativos no contexto do turismo de natureza. In: Trigo, L.G.G., Panosso Neto, A., Carvalho, M.A. & Pires, P.S. (eds.) *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. Roca, São Paulo.

**Fluxo editorial:**

Recebido em: 27.03.2008

Enviado para avaliação em: 27.03.2008

Aprovado em: 29.03.2008

---



A *Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas* é uma publicação da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SeTur/SBE). Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

[www.sbe.com.br/turismo.asp](http://www.sbe.com.br/turismo.asp)

---

- <sup>1</sup> Bacharel em Turismo (UAM). Especialista em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais (UFLA). Mestre em Geografia (UFMS). Doutorando em Geociências e Meio Ambiente (UNESP). Bolsista da CAPES.
- <sup>2</sup> Prova disto é o recente embargo feito pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA – em março de 2008, pela falta do Plano de Manejo.
- <sup>3</sup> O termo espeleólogo é aqui utilizado respeitando a forma apresentada pelo autor citado. Entretanto, é preciso alertar que nem todos aqueles que se auto-denominam espeleólogos possuem de fato uma relação técnica ou científica com a espeleologia – ciência que estuda as cavernas e seus elementos, de um modo geral. Assim, seria mais conveniente adotar a classificação proposta por Rasteiro (2007), que coloca os espeleólogos esportistas e amadores como espeleístas.